



verve

Sabor de pólvora

Resenhas

sabor de pólvora

ELIANE KNORR

William Powell. *The Anarchist Cookbook*. Nova Jersey, Barricade Books, 1989, 160 pp.

1968. Marca recente na história. Para lá ou para cá de 1968: não é possível estabelecer fronteiras temporais tão definidas diante de acontecimentos que ultrapassaram quaisquer fronteiras. No Brasil, o peso do chumbo, das fardas, da ordem, da família, da moral, dilacerando, espremendo, esmigalhando os corpos dos outros, dos que se recusavam a fazer parte da massa transtonada e pusilânime, não conseguiu – ainda que sobre muita dor – fazer cessar o fogo que brotava na pele de uns. Ao contrário, foi da dor incontornável, especialmente sobre esses corpos, muitos deles jovens, que se extraiu o combustível para a luta.

Nos EUA, foi também diante da inadmissível convocação à carnificina de tantos outros corpos jovens de estadunidenses ou vietnamitas e sob o peso da moral racista e de conservadores costumes, que embates, mais ou menos violentos, explodiram em Nova Iorque, Chicago, Kinshasa ou Bethel. Alguns poucos, ainda que brevemente, muitos

Eliane Knorr de Carvalho é pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP.



deles jovens, assumiram os riscos de tomar parte desta labareda.

O livro que segue aqui aparece neste contexto de lutas e ebulições. Às vezes ingênuo, ou mesmo equivocado, e com algumas medidas inexatas (fato que deve ser cuidadosamente considerado quando se trata da construção de explosivos), mas impulsionado por esse incômodo e recusa em servir a quem quer que seja, em ser controlado, estigmatizado, fichado, interrogado, manipulado, usurpado, contido, imobilizado (e um tanto mais precisamente descrito por Proudhon e presente na abertura de **verve 3**). Fogo que atravessou e atravessa uns. Vontade para além do indivíduo que se perde no instante em que não é massificado. Esse livro não se reduz a um indivíduo, mas marca uma vontade.

The Anarchist Cookbook, de William Powell, escrito por um jovem de 19 anos, entre 1968 e 1969, foi publicado em 1971, contra a sombra autoritária e capitalista, em uma recusa à guerra do Vietnã e pela invenção de uma nova cultura, mais livre, nos Estados Unidos da América.

Livro escrito para atizar o fogo dos que vivem em um país cujas próprias tradições designam como a terra da liberdade, e que foi, de fato, refúgio para muitos homens e mulheres insuportáveis de outros tempos e lugares. Mas esse mesmo Estado assassinou os anarquistas Sacco e Vanzetti, depois de deportar a anarquista Emma Goldman, considerada a mulher mais perigosa da América, e de amparar o massacre aos operários do Haymarket.

Em sua introdução, o jovem autor assume o que chama de um espírito anarquista de sua época, sem, no entanto, tentar defini-lo muito estritamente ou classificá-lo: “A anarquia não pode mais ser definida como simplesmente



libertar-se da opressão, ou a ausência de controle do governo. Ela vai além disso. A anarquia se tornou, especialmente entre os jovens de hoje em dia, um estado de espírito, uma essência do ser” (p. 29). Reconhece ainda, em sua época, uma “batalha multifacetada” com várias frentes, mas que tem em comum a luta pela liberação de mentes e corpos contra um sistema estagnado sob as leis de velhos caquéticos.

Diante da batalha disposta aos seus olhos, assume o contrataque violento como única saída possível. Não há governo, ordem, autoridade que abra mão de seu controle em prol da liberdade alheia. Justifica assim a necessidade de tomar parte de uma revolução que, para ele, já começara no país. O objetivo do livro, portanto, é tornar acessível a todos as técnicas e os conhecimentos de guerra, de ataque, defesa ou controle, muitos dos quais eram (e são), por lei, exclusivos do Estado na sua autoatribuição como único detentor legítimo da violência física.

Em um trabalho de mais de um ano, reuniu receitas, modos de fazer, dicas, modos de usar, técnicas, instrumentos e ações para serem usados em guerrilhas e contra a polícia. O material foi coletado de compêndios técnicos, militares, policiais, de escoteiros, mas também de manuais revolucionários, de guerrilhas, livros subversivos, além de jornais e revistas de grupos ativistas radicais que circulavam na época. As receitas estão dispostas em quatro capítulos: “*Drugs*” (“Drogas”); “*Electronics, sabotage, and surveillance*” (“Eletrônicos, sabotagem e vigilância”); “*Natural, nonlethal, and lethal weapons*” (“Armas naturais, não-letais e letais”); “*Explosives and booby traps*” (“Explosivos e armadilhas”).

O primeiro capítulo, “*Drugs*”, marca uma diferença importante dos manuais revolucionários de até então. Se os



estados alterados de consciência foram considerados por muitos revolucionários, inclusive anarquistas, um obstáculo às revoluções, este primeiro capítulo afirma, logo de início, a necessidade de liberar o uso das drogas como condição para a invenção de uma cultura livre. Assumindo que “certas drogas afetam a mente permitindo ao indivíduo, pela primeira vez, enxergar o mundo de maneira livre, apartado da coação de valores e rituais” (p. 31). Além disso, liberar as drogas teria um efeito direto na existência da prisão, na medida em que grande parte dos presos eram (e ainda hoje são) jovens hispânicos, pretos e pobres sobre a acusação de uso e comércio de drogas.

A preferência pelas experiências propiciadas pelo uso da maconha e do LSD fica explícita na apresentação que se faz destas drogas em particular, e no cuidado dedicado à explicação de cultivo/fabricação e mesmo receitas culinárias – com a maconha em especial –, sugerindo pratos doces e salgados que possibilitam prazeres que vão além das tragadas.

O panegírico, entretanto, não se estende a outras drogas. Ao contrário, é explícita, no livro, a repulsa por outras substâncias e o uso que se faz delas, como, por exemplo, a heroína. Reproduz-se, num outro nível, o moralismo com que revolucionários tradicionais encararam o uso de drogas. Entretanto, para o autor, o uso deveria ser uma escolha livre de cada um.

A partir do segundo capítulo, “*Electronics, sabotage, and surveillance*”, o livro de receitas começa a tomar um outro tom. Interessam, a partir de agora, um tanto de táticas e algumas estratégias para a revolução. Chama-se a atenção para a necessidade de uma ação real e não simbólica, e do cuidado em não deixar-se tomar exclusivamente por uma paixão niilista.



verve

Sabor de pólvora

Escrito entre 1968/69, nele há um tanto de técnicas eletrônicas que já estão obsoletas. Entretanto, há também um modo de mexer com as tecnologias de controle e rastreamento, cujas saídas bem humoradas são ainda, talvez, sugestões valiosas para quem não separa revolução e revolta da própria vida.

O tom sombrio, que se insinua em certos momentos, reaparece no capítulo seguinte, “*Natural, nonlethal, and lethal weapons*”. Se por um lado, há realmente uma utilidade nas informações trazidas nestes dois capítulos, como a construção e uso de equipamentos — dos mais simples aos mais inacessíveis —, até a construção e manuseio de armas, ressaltando-se sempre que se deve usar das armas do inimigo contra ele mesmo, por outro lado, é preciso estar atento para o fato de que em qualquer receita, culinária ou não, é o modo de fazer que dá sabor ao prato — e os anarquistas sabem bem disso. É por este motivo que ao se buscar receitas relacionadas a táticas militares, por exemplo, não se deve ignorar que estas são atravessadas por um modo de fazer fascista e são, por isso, incompatíveis com as lutas libertárias. É um equívoco acreditar que há neutralidade em técnicas e táticas de combate.

No capítulo final, “*Explosives and booby traps*”, entram os explosivos de grande porte. Os alvos são imensos, como prédios, pontes, etc. Algumas fórmulas e aparatos oficiais, ainda resguardam uma certa sisudez, que começa a diluir-se quando os componentes de fórmulas químicas se traduzem em ingredientes encontrados na cozinha de qualquer um. Se uma receita é, a princípio, algo a ser seguido, inventar receitas com o que se tem a mão é, também, um modo de fazer anarquista.



Há, no decorrer do livro, advertências e precauções a serem tomadas relativas às armas e, especialmente, aos explosivos, sugerindo, inclusive, que alguns deles devem ser usados apenas por especialistas. Entretanto, a experiência de alguns anarquistas no final do século XIX, em um período no qual receitas de bombas eram divulgadas em periódicos operários, lembra-nos que, mais que especialidade, é preciso coragem, vontade de vida e liberdade. Mas mexer com explosivos é assumir uma série de riscos desde o momento da manufatura até a explosão. Mexer com armas é estar disposto a matar. É para isso que as armas são feitas. Mais uma vez, seria ilusão querer separar a invenção de tecnologias do uso que se faz delas: a invenção da bomba atômica não foi um acidente infeliz.

Assim como a ação de uma bomba, o livro marca um instante. Porém, seus estilhaços reverberam e atingem até mesmo quem a fabricou, e que, em um lapso de descuido, passa a temer o fogo após ter sido tocado por ele. A bomba é sempre um risco, quem a fabrica não está imune aos seus efeitos.

Pouco tempo depois de ter escrito e publicado o livro, Powell que “confirmou-se” como Cristão Anglicano em 1976, renegou o livro e tentou impedir a sua republicação. Entretanto, se viu enredado num jogo de autoria, quando descobriu que não possuía a propriedade do livro. Lyle Stuart, dono da editora que aceitou publicá-lo em 1971, havia, por meio do contrato, reservado para si os direitos sobre a obra, e continuou a publicar o livro, reeditando-o (sem alterar o conteúdo), até esta edição de 1989, pela sua nova editora Barricade Books, especializada na publicação de livros considerados controversos.



Nessa versão, foi mantido o prefácio sobre o movimento anarquista nos Estados Unidos, escrito por Peter Bergman, presente desde sua primeira edição. É somente mais uma leitura marxista do anarquismo, que desqualifica o livro e o movimento libertário de sua época, afirmando tratar-se de niilismo, uma aberração do anarquismo, e reduz a diferença entre anarquismo e comunismo a uma mera estratégia de meios, como fizera Lênin em *O Estado e a Revolução*.

Mas foi com as práticas anarquistas e diante da ditadura comunista na ex-URSS que a mulher mais perigosa da América, Emma Goldman, alertou para o fato de que meios autoritários sempre levarão a fins autoritários, pois é na prática cotidiana que se inventam hábitos e experiências libertárias.

É necessário, entretanto, não confundir as práticas radicais, empregadas por anarquistas, como Ravachol e Émile Henry, no final do século XIX, com o terror com as armas e as bombas empregadas para conter, submeter, conformar, pacificar, sufocar. O radicalismo violento anarquista, outro modo de propaganda pela ação, é uma recusa à representação, exploração, dominação e à tortura cotidiana. As bombas anarquistas derrubam muros (mesmo – e especialmente – que não sejam construídos de tijolo e cimento).

Ravachol lançou a voz da dinamite contra o sufocante silêncio da sociedade burguesa, com suas propriedades, tribunais e polícia. Émile Henry lançou uma bomba neste mesmo círculo burguês e implodiu com palavras o poder do tribunal que o julgou, ao não reconhecer sua autoridade. Inventaram e saborearam, sob riscos e dores, um modo de fazer a liberdade.

Hoje, há mais do que uma sociedade de caquéticos. Antes mesmo de se lançarem ao calor do fogo, resguar-



dam-se em uma vida morna desprovida de riscos e com excesso de seguridades. Acomodam-se em velhas receitas prontas, testadas e comprovadas. Não é exclusividade de jovens poder provar liberdades, mas para alimentar o fogo é preciso primeiro acendê-lo.

The Anarchist Cookbook e suas receitas estão disponíveis na internet para *download*, em sebos eletrônicos, e quiçá na estante de algum amigo, para serem fotocopiadas, distribuídas e saboreadas a gosto. Algumas receitas estão em **vervedobras**. Impresso ou não, o livro escapou às mãos de editores, autores ou autoridades. E se há medidas que não são exatas ou fórmulas químicas que devem ser revistas, fica a cargo dos interessados (e não somente de especialistas) acertar seu uso, divulgá-lo e mesmo descobrir e inventar novas receitas.

Acenda!

anarquismo contemporâneo? história, memória e luta

ACÁCIO AUGUSTO

Daniel Barret (Rafael Spósito). *Los Sediciosos Despertares de La Anarquia*. Buenos Aires, Libros de Anarres/Terramar Ediciones/NORDON, 2011, 269 pp.

Os chamados processos de redemocratização na América Latina, iniciados na década de 1980; o malogro do

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol. Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e professor no curso de Relações Internacionais na (FASM) Faculdade Santa Marcelina.